



n. 18753

**ARTIGO**

por Josemar Dantas

# RISCO BRASIL

Não foi por falta de advertências que o Brasil mergulhou em alarmante grau de descrédito perante os mercados mundiais. Em outubro do ano passado, nota da agência de classificação de riscos Moody's alterou a perspectiva do país de positiva para estável. Não foi suficiente para levar a governança econômico-financeira a agir para eliminar as causas da avaliação preocupante. Já em março deste ano, o instituto de rating Standard&Poors expediu notificação de que o Brasil estava no limite de rebaixamento para o grau especulativo. Isto é, exposto ao aumento da retração dos investimentos internacionais, fonte de graves consequências para o avanço da economia. Em julho, a Fitch, terceiro maior organismo do gênero, ratificou a expectativa da situação temerária.

O governo desclassificou todos os alertas dos órgãos que medem o potencial das nações capitalistas. Respondeu, sempre, que a economia brasileira se posicionava ao largo de qualquer ameaça. Nenhuma providência foi adotada pelo governo para buscar a estabilidade da economia e das finanças oficiais. Prosseguiu com o uso perdulário, à margem de qualquer controle, dos recursos públicos, política fiscal assentada na escalada dos juros e, em consequência de má-gestão, aumento babilônico no custo dos projetos governamentais.

O desabamento da cotação internacional do Brasil da posição de estável para negativa, mais uma vez de iniciativa da Moody's, — portanto, a um passo de o país se tornar área de alto

risco para investimentos — lastreou-se em motivos de há muito denunciados pelo mercado brasileiro. São eles, entre vários, o baixo crescimento da economia, o abalo na confiança do investidor e a deterioração das contas públicas.

Caso o cenário alarmante persista, como indica a estimativa de que o Produto Interno Bruto (PIB) não crescerá este ano além de 0,46%, aumenta a possibilidade de que, em 2015, o Brasil afunde no último grau da classificação de risco. Confirmada a hipótese, haverá elevação insuportável no custo dos financiamentos externos pretendidos pelo governo, empresas (privadas e estatais) e bancos privados e públicos. E enorme resistência dos investidores estrangeiros e brasileiros de investirem aqui.

Vale lembrar que a Moody's situou na mesma condição desclassificatória, atribuída ao país, 22 empresas brasileiras, entre quais o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), o Bradesco, o Itaú e o Banco do Brasil. Até agora, as partes atingidas não parecem preocupadas. Porta-voz do governo, o ministro da Fazenda, Guido Mantega, garantiu que a "economia brasileira vai bem". Deus meu !!!

Como tudo parece repousar em remansosa letargia, resta aos espectadores do caos esperar o que vai acontecer em 2015. A entrega do poder em mãos de políticos mais responsáveis pode gerar tolerância ativa das agências de rating, até a definição dos programas e diretrizes a cumprir.